

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 107	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120	11 DE DEZEMBRO 1881	<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p> <p>É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 53.</p>
Posseções ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-6-		

AVISO

Com este numero do OCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento — OTHELLO E DESDEMONA, quadro premiado de Muñoz de Grain, offerecido á Real Academia de Bellas-Artes de Lisboa pelo sr. visconde de Franco.

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais publicados n'este anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para os srs. compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis — o jornal só 120 réis.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — As nossas gravuras — O nosso supplemento, Othello e Desdemona, RANGEL DE LIMA — Exposição nacional de Milão, R. — Tenda-barraca annexa ao Hospital Estophania, XAVIER DA COSTA — Sapatos de Defuncto, LEITE HASTOS — Publicações.

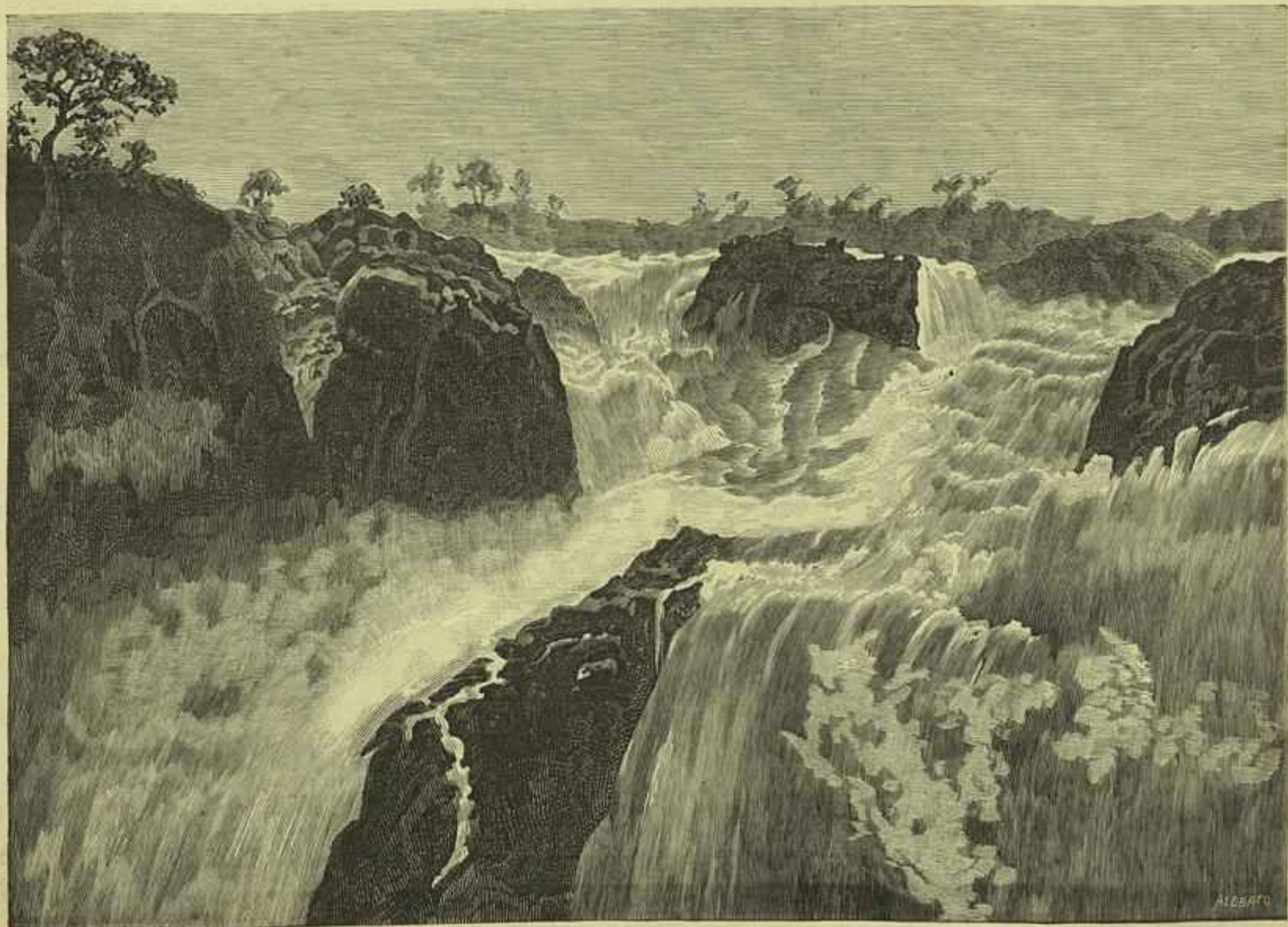
GRAVURAS. — Brazil, Cataracta Paulo Affonso, no Rio S. Francisco — Inauguração dos Albergues Nocturnos de Lisboa, Membros da Direcção: S. M. El-Rei D. Luiz I, Francisco A. Mendes Monteiro, Dr. Luiz Jardim, José Pereira Soares, Polycarpo José Lopes dos Anjos, Visconde de Rio Vez, João Alfredo Dias, José da Costa Pedreira — O contra-almirante Castano Maria Batalha — Vista geral do Palácio da Exposição Continental Sul-Americana em Buenos-Ayres —

O capitão Augusto Antonio Soares Martins — Boi de raça Arcoqueza (S. Pedro do Sul) — Enigma. — Supplemento — Othello e Desdemona, quadro premiado de Muñoz Degrain, offerecido á Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, pelo sr. visconde de Franco.

CHRONICA OCCIDENTAL

Correram ha dias em Lisboa boatos sinistros. Na rua d'Entre-Muros morreu um homem de uma febre qualquer, e, não sabemos como nem porquê, entre a gente do sitio espalhou-se que essa febre era a terrivel febre amarella, que todos os annos nos visita, em boatos, graças a Deus.

Este anno, porém, o boato veio mais tarde. Costumam apparecer ordinariamente pelos me-



BRAZIL — CATARACTA PAULO AFFONSO NO RIO S. FRANCISCO (segundo photographia)

zes de verão, ali pela canicula, ou o mais tardar, pelo tempo dos banhos.

Este verão faltou; mas agora cá veio, para não desmanchar a tradição.

Como se o caso apenas d'Entre-Muros não bastasse para dar corpo ao boato, d'ali a poucos dias morreu no campo das Cebolas outro individuo, de uma febre de caracter maligno.

Então o panico que até ali não passara do Rato para cá, espalhou-se pela cidade; as conversas dos vizinhos transformaram-se em noticia de Lisboa, e chegaram até aos jornaes.

A população já habituada a estas noticias, como está habi-tuada ás cerejas do S. João e ás castanhas do S. Martinho, não se admira muito com ellas. Entretanto, como as condições hygienicas da nossa boa cidade, de dia para dia aggravadas, tornam de uma verosimilhança assustadora todos estes boatos, nunca se sabe bem até que ponto elles são creados pela phantasia ociosa da lisboeta, ou pela canalisação insalubre da capital, e parece-nos que seria conveniente que as estações officiaes e competentes informassem directamente e terminantemente o publico a este respeito.

De um dos casos, do do campo das Cebolas, já officiosamente constou que os medicos que trataram o doente, affirmaram não ser a febre que o matou de caracter epidemico.

Do caso da rua d'Entre-Muros, caso que não garantimos, mas em que ouvimos fallar com insistencia, ainda não ha official ou officiosamente informação alguma publica.

Não queremos, por forma nenhuma, soprar estes boatos aterradores; e pelo contrario, queremos acreditar que elles são completamente destituídos de fundamento; fallámos d'elles, porque são tão serios, que mesmo como boatos tomam o passo a todas as outras noticias, por que urge que se tranquilese quem por ventura se assustasse com elles, e porque é necessario, que de uma vez para sempre, se trate a serio dos melhoramentos materiaes que a hygiene publica reclama imperiosamente, e que os governos e as camaras municipaes se lembrem de que, acima das tricas eleitoraes e das luctas da desgraçada politica militante, ha uma coisa que lhes deve merecer alguma attenção — a vida dos seus governados.

— Occupa ha muito tempo as attensões do mundo dos bastidores e as columnas dos noticiarios, a noticia de uma carta escripta por Alexandre Dumas filho, á empresa de D. Maria agradecendo e felicitando o traductor da *Princesa de Bagdad* e os seus interpretes, pelo successo alcançado pela sua peça.

O apparecimento d'essa carta, que marca uma novidade, que no fim de contas se explica bem, nas relações dos theatros de Lisboa, com os auctores dramaticos de Paris, fez sensação, e a sua authenticidade foi posta em duvida com razões senão verdadeiras — porque está hoje provado que a carta é authenticidade — pelo menos muito logicas.

A novidade do caso explica-se perfeitamente. Até hoje Sardou, Dumas, Augier, Labiche, Meilhac, Halevy, Gondinet, Paifferson, e todos os auctores francezes, nunca souberam que as suas peças eram representadas em Portugal, agradavam ou desagradavam, davam rios de dinheiro ás empresas, ou punham-n'as a regimem de *perdiz*.

As noticias dos nossos successos ou dos nossos fiascos theatraes não transpunham a fronteira de Badajoz quanto mais a linha dos Pyreneus e á sombra d'esta obscuridade, os theatros de Portugal não tinham cartas dos dramaturgos francezes, nem a dar-lhes parabens, nem a pedir-lhes dinheiro.

Agora felizmente, um cavalheiro francez, muito illustrado, que reside em Lisboa, começou a mandar para o *Gaulois* de Paris umas correspondencias de Portugal muito bem feitas e muito bem escriptas, e pela primeira vez desde que nos entendemos, a vida portugueza começa a revelar-se aos leitores dos jornaes de Paris que até hoje só sabiam que existia Portugal pelos telegrammas que de tres em em tres mezes annunciavam queda do ministerio:

esaiu o sr. Burros Gomes, entrou o sr. Batorra, etc., etc.

Pela primeira vez portanto um jornal de Paris deu noticia que em Lisboa ha theatros, e que n'um d'esses theatros se representa e representa muito bem a peça em tres actos *Princesa de Bagdad*.

Compreende-se pois que Dumas ao ler pela primeira vez, n'um jornal da sua terra, que a peça que tão mal acolhida fôra na *Comédie Française*, tão mal que lhe arrancára ao seu mau humor e ao seu despeito a declaração de que nunca mais escreveria para o theatro, alcançára um grande successo no primeiro theatro de Portugal, ficasse impressionado com essa noticia e escrevesse ao traductor e aos interpretes d'essa peça, que em Paris, cortára, violentamente a serie dos seus successos ruidosos.

Ha em todos os artistas um espirito de reacção contra as opiniões da critica, e é esse espirito que explica a predilecção de todos elles pelas suas obras que a critica condemna.

Alexandre Dumas ignora completamente o grande exito que tiveram em Lisboa a *Dama das Camélias*, o *Demi-monde*, e ultimamente a *Estrangeira*, não fallando já do agrado com que foram ouvidos o *Pae prodigo*, a *Princesa Jorge*, o *Senhor Affonso*, e as *Idéas da sr.^a Aubray*, ignora que o successo de qualquer d'estas peças foi muito superior ao successo litterario da *Princesa de Bagdad*, que deveu a sua voga ao desempenho notavel de Virginia, desempenho que foi uma revelação, e portanto Alexandre Dumas, só viu na noticia do successo da *Princesa de Bagdad*, a glorificação da peça que em Paris caíra violentamente diante do publico da *première* e da critica theatral.

E isso resalta da unica phrase notavel que ha n'essa carta:

«L'étranger est, pour nous autres français, comme une posterité contemporaine, qui juge en dehors de toutes les influences particulieres et locales.»

Mas essa phrase que nos dava a explicação da carta, dava ao mesmo tempo um argumento forte contra a sua authenticidade.

Dumas pue, escrevera n'um dos seus livros, *Le Veloce*: — «L'étranger c'est la posterité» e não era crível que seu filho dêsse como sua uma phrase consagrada de seu pae, e que ao escrevel-a o nome do auctor dos *Masqueiros*, e dos *seus dias* lhe não caísse dos bicos da penna cercado dos adjectivos entusiasticos, com que o auctor da *Estrangeira* como critico, como artista, e como filho, tem e deve ter sempre para o velho Dumas.

Além d'isso a carta demasiadamente laconica e simples estava em completo desacordo com o estylo de Dumas filho sempre cheio de syntheses brilhantes e constellado de ousadas theorias paradoxaes.

Tudo isto fez nascer duvidas contra a authenticidade da carta.

Alguns amigos do sr. Mendes Leal, nosso ministro em Paris, escreveram-lhe pedindo-lhe particularmente que averiguasse se a carta era ou não do grande escriptor francez. O sr. Mendes Leal, apesar de diplomata, não usou da sua diplomacia n'este negocio, e perguntou francamente a Dumas filho se a carta era d'elle, do que resultou Dumas filho responder que era, mas muito admirado, ao mesmo tempo, e com toda a razão, d'essa carta ter levantado grandes discussões na imprensa portugueza e ter sido declarada falsa.

Essa resposta portanto obrigou um dos homens de letras mais illustres do nosso paiz, o sr. Pinheiro Chagas, a escrever uma excellente carta a Dumas filho, explicando-lhe o motivo da duvida sobre a authenticidade da sua carta, duvida, que não explicada, daria do nosso paiz a mais deploravel idéa ao auctor da *Princesa de Bagdad*.

Eis aqui contada rapidamente a historia da carta de Dumas, que se tornou um acontecimento em Lisboa, e que verdadeira como é ou falsa, como se suppunha, não acrescentava nem diminuia nada ao successo da *Princesa de Bagdad* porque para saber que a traducção estava bem feita, e que o sr. Moura Cabral é um es-

criptor brilhante, para saber que Virginia tinha feito uma creação deliciosa da *Lionnette* e é uma grande actriz não era preciso que o dissesse Alexandre Dumas filho que nunca viu representar Virginia, nem leu os escriptos do sr. Moura Cabral, o que nos dá sobre o auctor da *Demi-monde*, uma grande superioridade para os poder apreciar, julgar e applaudir.

— O theatro de S. Carlos deu a semana passada uma opera, sem a Donadio: — a *Hebréu* e o resultado foi o que previamos na nossa ultima chronica, um fiasco perfeitamente caracterizado.

A empresa ha de acabar por se convencer que é inteiramente impossivel continuar a epocha lyrica sem reforçar a companhia com novas cantoras.

E parece que já se vae convencendo, primeiro, trazendo a Donadio e agora escripturando a Mariani, segundo consta.

E já veem que apesar de não haver cantoras, ellas vão apparecendo.

Se o publico não tivesse protestado contra o *Fausto*, a *Africana*, o *Roberto* e o *Trovador*, não teria ouvido a Donadio. Se não tivesse protestado contra o sr. Sanctis, não teria ouvido o sr. Delliers, e não teria agora o sr. Faucelli, o que no fim de tudo não nos parece grande aquisição, porque faz *double emploi* com o sr. Bulterini.

Perguntam-nos os amigos da empresa, — Quem se hade escripturar?

Nós sabemos lá! Não temos nada com isso; não somos empregarios do theatro lyrico. Se fossemos, haviamos de saber-o, que era a nossa obrigação, e se não o conseguissemos saber deixariamos o logar a quem soubesse.

Mas parece que a empresa de S. Carlos já vae sabendo. A Donadio: agora a Mariani.

Procure! Procure!

GERVASIO LOBATO.

ALBERGUES NOCTURNOS

MEMBROS DA DIRECÇÃO

Os retratos da nossa estampa, a pag. 273, pertencem aos cidadãos que organisaram em Lisboa o primeiro albergue nocturno. Representam elles o conselho administrativo da sociedade benéfica, a que o rei de Portugal deu o primeiro impulso. Nesta pagina os reunimos, porque são troços da benemerencia publica, e porque os acontecimentos passam tão rapidos que depressa se afundariam no esquecimento, se lhes não acudissem as revistas illustradas.

Historicemos a estampa.

No mez passado caiu o ministerio, no mesmo dia quando uma sociedade benéfica creava um estabelecimento piedoso. Apoiaram uns a queda do governo, outros passaram indifferentes ao lado de seu esquivo mortuario, larva onde já existia a borboleta: não houve saudades, nem grandes alegrias. Ao passo que a mudança de ministros não deixava impressão, o estabelecimento de caridade atrahia escolhida concorrência, inspirando innumeras sympathias. A inauguração dos albergues nocturnos foi para muitos o principal acontecimento do mez passado. Para nós tambem.

Em verdade, nós que desenhámos n'estas paginas o vulto dos heroes e a paisagem solitaria; os successos tragicos da politica e as tragedias dramaticas das cidades; que escrevemos dos principes, dos actores, dos poetas, de todas as celebridades, mesmo das celebridades do mal, não era muito que céssemos uma pagina a esses benemeritos, que honram a sua epocha, praticando com abnegação a caridade, a maior virtude das sociedades modernas.

O primeiro é El-Rei D. Luiz. — Hoje fundador e presidente da benemerita associação, que criou em Lisboa os albergues nocturnos, tem sido, desde que occupa o throno portuguez, o ministro, sem pasta, da benéfica publica. De indole magnánima e piedosa, é seu constante cuidado a felicidade dos cidadãos; e, ora o vemos, obreiro intelligente, fundando escolas, ora visitando e provendo os hospícios. O exemplo d'um rei é sempre effez, porque vem de cima; e por isso, quando o primeiro funcionario do paiz inaugura qualquer associação de caridade, vê-se logo cercado de cidadãos prestantes, que se dão pressa em secundar-lhe os bons desejos.

Fallemos d'estes.

FRANCISCO AUGUSTO MENDES MOREIRA. — É o decano e presidente da direcção dos albergues nocturnos. Possuidor de avultada fortuna, adquirida no commercio do Brazil, ali ex-rcou, por vezes, logares administrativos em estabelecimentos de caridade. Thesoureiro de uma das mais vastas associações de benéfica da America — a santa casa da misericórdia do Rio de Janeiro, concorre igualmente para a fundação do asylo de Santa Izabel, que tão grande

auxílio tem prestado à indigência. E, não julgando ter saído agradecido à nova pátria, em que agradeceu os seus cuidados, por vezes auxiliou o governo brasileiro em questões políticas de interesse para a honra do imperio, como na questão *Crestie* com a Inglaterra; e na guerra contra o Paraguay. Foi vogal da comissão portuguesa, que mandou fazer bustos de mármore para perpetuar a memoria dos inclytos generaes, que mais se distinguiram na campanha terrível, que deixou na historia do Brazil um largo traço de sangue e de luz; sangue de tantos martyres da independência e da integridade da patria; e luz do heroísmo de tantos valentes, patriotas e varões prestantes, que fizeram os maiores sacrificios, em nome da nação que lhes tinha sido berço, outros pela terra hospitaleira, quasi irmã, que os tinha recebido affectuosamente. Francisco Augusto Mendes Monteiro, com aquelle amor profundo que sentem todos os portuguezes pelo ninho seu paterno, fez a restauração da igreja matriz da sua terra natal; e auxiliou a escola d'instrução primaria, que nem ao menos tinha foyras para o ensino elementar, como desgraçadamente aconteceu em quasi todas as nossas escolas rúreas.

Dr. Luiz Jardim. — É o secretario da direcção dos Albergues Nocturnos, e elaborou o seu projecto de estatutos, que discutiu em duas sessões da sociedade, presididas por el-rei.

A sua grande actividade deve-se, sem duvida, a execução rapida da generosa idea do monarcha, realisando-se a inauguração do primeiro albergue nocturno de Lisboa, com a ordem que tivemos occasião de observar.

É boa, elevada e grande a missão do humanitario, do philantropo que procura minorar as misérias sociaes, mas o dr. Jardim não se recommenda tão somente à consideração dos seus conterraneos pelas subtilidades de um coração generoso e cheio de affectos para os que soffrem. O dr. Jardim é obreiro infatigavel do bem e do progresso e desde a Universidade de Coimbra, onde nos 25 annos era já lente da faculdade de direito, até hoje, em que o encontramos cheio de vida e de enthusiasmo pelo trabalho, o seu rastro é brilhante e fecundo, porque o dr. Jardim tem sido um dos mais strenuos propugnadores da instrução publica.

No rapido esboço de um simples perfil não cabe o avallar de espaço os meritos do juristaconsulto; do politico que no parlamento levanta a sua voz em prol da instrução do seu paiz; do capitalista que reparte a sua actividade na direcção de varios estabelecimentos de credito; e finalmente do philantropo que acode sempre com a sua bolsa aos gemidos da miséria; por isso reunindo-nos no campo de que podemos dispor, concluiremos por enumerar alguns dos seus trabalhos já publicados.

Theses de Direito — Estudos sobre a organisação judicial — As magistraturas populares. Os juizes ordinarios, o jury; — A liberdade testamentaria (Do regimen das successões); — As alfândegas e o sistema economico de Portugal. (Averiguações historicas do seculo XII ao seculo XVIII); — A instrução primaria no municipio de Lisboa; — Projecto de lei sobre a instrução primaria; — Projecto de regulamento das escolas normaes.

José Pereira Soares. — É o thesoureiro da direcção dos albergues nocturnos. Como quasi todos os seus collegas nesta obra de caridade, e um d'esses filhos prodigos, ao inverso da parábola do evangelho, que trocaram a casa paterna, no alvorecer da mocidade, não pelos frivolos prazeres da vida, mas, ao contrario, pelo trabalho em paiz longinquo, em terra ostantina, trezeando a melhor selva da sua virilidade, que depois veio a converter-se em chuva d'ouro, enriquecendo e fertilizando a terra da sua patria.

José Pereira Soares residiu por muitos annos no Brazil, empregando na carreira commercial, a que se deu-to, os muitos recursos da sua intelligencia e da sua inquebrantavel força de vontade. Durante esse período prestou sempre, não só a sua patria, como tambem ao paiz onde residia, todos os serviços compatíveis com a sua posição social.

No Rio de Janeiro desempenhou o lugar de membro representante do commercio portuguez, para que foy eleito unanimemente, e ali serviu alguns annos, como secretario da Associação Commercial. Concorreu tambem a sede do Imperio, quanto lhe foi possível, em favor da instrução publica, serviço que lhe foi reconhecido pelo Imperador do Brazil. Eleito membro da associação protectora dos invalidos da patria, creada pela occasião da guerra contra o Paraguay, n'ella desempenhou o lugar do thesoureiro, cargo honroso que exerceu até ao seu regresso a Portugal. Pelos serviços prestados durante o largo período da sua gorença, duas vezes foi agraciado pelo Imperador. Occupou o lugar de membro da comissão consultiva no consulado portuguez do Rio de Janeiro. Serviu na sociedade portugueza de beneficencia, e concorreu com diferentes donativos para a sua sustentação e patrimonio; o que lhe mereceu o diploma de benemerito, e o agradecimento, que lhe fez S. M. El-rei D. Luiz, por uma portaria de agosto de 1859. Offertou tres contos de reis a humanitaria associação — *Caixa de Soccorros de D. Pedro V*; pelo que lhe foi concedido igualmente o diploma de socio benemerito. Exerceu, por mais de uma vez, o lugar de director do *Gabinete Portuguez de Leitura*; e, quando em 1856 tomou posse d'esse honroso cargo, para que foy eleito, ajudado pelos seus collegas da direcção e do conselho, organo aquella útil instituto do estado de abastimento, em que jazia, como se vê dos relatorios, que apresentou em 1867 e 1868. Por occasião da seca, que reduziu a estado de miséria deploravel os infelizes povos do Cabo Verde foi um dos stultos para a comissão, que promoveu promptos e valiosos soccorros, os quaes, enviados immediatamente do Rio de Janeiro, accudiram á fome e á penuria d'aquella nossa colonia.

Por essa occasião S. M. El-rei galardoou os seus humanitarios sentimentos, conferindo-lhe espontaneamente a commenda de Christo. Finalmente sempre concorreu com a melhor vontade para todos os actos de beneficencia, tanto no seu paiz, como no Brazil, com a minima ostentação vaidosa, e unicamente pelo prazer intimo, que sente em praticar o bem.

Polycarpo José Lopes dos Anjos. — Foi um dos negociantes mais honrados e sérios da praça de Lisboa, onde exerceu o commercio por espaço de 45 annos. Foy um abastado capitalista e proprietario. Em tempos difficis desempenhou dignamente o lugar de vereador do municipio da capital, bem como o de membro do concelho de districto. Nomeado provedor do asylo de N. S. da Conceição, para raparigas abandonadas, exerceu este cargo de um modo superior a todo o elogio. Nas inundações, que assolaram o sul do paiz em 1875, foi eleito vogal thesoureiro da comissão encarregada de collectar soccorros; e houve-se n'este trabalho escarço como homem de coração, não se poupando ás maiores fadigas e sacrificios para o bom desempenho dos intentos piedosos da sociedade dos *Soccorros nas Inundações*. Por este e outros muitos serviços publicos foi agraciado por S. M. El-Rei D. Luiz I com o Fôco de Fidalgo Cavalleiro da Real Casa, e com as commendas das ordens militares de N. S. J. Christo, e de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, dizendo a carta regia o seguinte: — que querendo dar a Polycarpo José Lopes dos Anjos, fidalgo Cavalleiro, e commendador da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, um novo testemunho da minha Real Consideração e do apreço em que tenho os merecimentos e qualidades que concorrem na sua pessoa, e os bons serviços que prestára na qualidade de provedor, que fui do Asylo de Nossa Senhora da Conceição para raparigas abandonadas, e não menos as valiosas provas da sua exemplar caridade, e os donativos com que tem contribuido para beneficio do mesmo Asylo, hei por bem etc.

Foy tambem agraciado por Sua Magestade Catholica com a commenda de Carlos III.

É visitador da Congregação de caridade da freguezia de S. Mamede, e ultimamente foi eleito vogal effectivo dos Albergues Nocturnos, que muito lhe devem.

João Alfredo Dias. — Poucos apontamentos biographicos temos d'este cidadão prestantissimo, que é um dos mais conscienciosos membros da classe commercial de Lisboa, á qual tem prestado relevantes serviços. Já na discussão dos seus mais vitales interesses nas reuniões onde a sua palavra autorizada é sempre ouvida com deferencia, já na fundação da Associação dos Empregados do Commercio, que tem produzido os melhores resultados praticos.

Limitar nos-hemos portanto a collocar-o na pleiade dos benemeritos, visto que espontaneamente trabalhou para uma das obras mais sympathicas do nosso tempo, contribuindo com efficaçia para a sua prompta realisação.

José da Costa Pereira. — Nasceu na freguezia de Santa Marinha de Novagilde, no archiepado de Braga, em 27 de setembro de 1839.

Embarcou para a Africa em 21 de dezembro de 1857, occupando-se em S. Thomé na agricultura e no commercio até ao anno de 1876.

É hoje o unico representante da importantissima casa *Pedreira*, fundada em S. Thomé em 1843 por seu irmão Manuel José da Costa Pedreira, já fallecido.

De qualidades altamente philantropicas, exerce actualmente o lugar de Basel da Congregação de Caridade da freguezia de S. Mamede, á qual tem prestado relevantes serviços.

Abracou enthusiasmicamente a idea da fundação dos Albergues Nocturnos de Lisboa, e pôde considerar-se um dos membros mais conscienciosos da sua direcção.

BOAVENTURA GONÇALVES ROQUE, VISCONDE DO RIO-VEZ. — Partiu em 1842 para o Rio de Janeiro, e dedicou-se desde logo á vida commercial, não se esquecendo nunca da sua patria.

Em 1863 fez parte da comissão, que se organiso na capital do imperio, para soccorrer as victimas da seca da provincia do Cabo Verde, prestando por essa occasião os melhores serviços em prol da idea humanitaria e patriótica, que reunia um punhado de portuguezes de coração generoso para accudirem a milhares de infelizes que lutavam com os horrores da fome.

Em 1870 foi nomeado membro da comissão consultiva adjunta ao consulado portuguez no Rio de Janeiro, desempenhando-se dignamente das suas funcões durante o espaço de tres annos.

É socio benemerito do gabinete Portuguez de Leitura, da Sociedade de Beneficencia Portuguesa, e da Caixa de Soccorros de D. Pedro V.

Foy um dos installadores da secção da sociedade geographica de Lisboa no Rio de Janeiro.

Tem feito parte de diversas commissoes de caridade, e concorreu para a grande subscrição que se promoveu na capital do Imperio do Brazil a favor dos inundados.

A patriótica comissão central, 1.ª de Dezembro de 1860, deve-lhe assignalados serviços.

Na terra da sua naturalidade fundou uma escola de instrução primaria, que pôde considerar-se uma escola modelo, e tem contribuido para todos os melhoramentos publicos da sua terra natal.

É condecorado por S. M. El-Rei D. Luiz I com a commenda da Ordem de Christo, e por S. M. o imperador do Brazil com a commenda da ordem da Rosa.

Os Albergues Nocturnos de Lisboa tem a esperar muito da sua cooperação generosa, e da sua vontade sempre efficaç na pratica do bem.

O CONTRA-ALMIRANTE CAETANO MARIA BATALHA

A difficuldade que tivemos de obter o retrato d'esto notavel official da marinha portugueza, fez com que só agora possamos dar conta da sua irreparavel perda aos nossos leitores.

Caetano Maria Batalha, nasceu em Lisboa a 11 de julho de 1810, sendo 1.º filho do negociante Joaquim Rodrigues Batalha e de D. Quitaria Maria Magiolo Batalha. Cursou as aulas do antigo collegio dos nobres, onde se distinguiu, passando depois a frequentar as da academia de marinha, onde quasi sempre foi premiado. Na entãto, como governava então o continente portuguez D. Miguel, logo que chegou em Lisboa a noticia da expedição liberal da Belle-Isle, a 10 de fevereiro de 1832, foram encerradas as aulas e organisaada uma esquadra. Batalha e os outros seus collegas foram embarcados, partindo aquillo na charrua *Princesa Real*. Depois de cruzar no mar Jos Agues, passou para a nau D. João VI, e nomeado guarda marinha a 20 de agosto. A 22 de dezembro passou para a nau *Tejo*, onde se conservou até julho de 1833, servindo no cruzeiro des Agues, costas do reino e bloqueio do Porto. Promovido a 2.º tenente a 22 de fevereiro de 1833, era a 18 de julho mandado embarcar na charrua *Mar Condado*. N'esse mesmo dia pôde realizar o que havia muito planeava: evadir-se ao serviço do neupadrão, refugiando-se a bordo da fragata franceza *Melpomene*, surta no Tejo, onde foi encontrado doze companheiros que, como elle, se destinavam a emigrar. Tinha-se espalhado, havia tempo, a noticia de que a causa liberal estava peridida. Mas em breve outra n'ra sorriso. A expedição arrojada do dinque da Terceira saltara no Algarve, e atravessava o paiz até Galicia, onde debellava a divisão do celebre Talles Jerião, ao mesmo tempo que Napier destruiu e aprisionava a esquadra miguelista. Seu irmão, o sr. Joaquim Rodrigues Batalha actual commandante da torre de Belem, foi a bordo da *Melpomene* buscal-o, dando-lhe a nova feliz.

Batalha apresntou-se com os companheiros ao ilhéu, e para começo de provação foi logo incumbido de uma missão importante e secreta, junto do general visconde de Molleteo, que campru com arrojço e prudencia. Depois do ter desempenhado varias commissoes de serviço, foi por Napier encarregado do commando de uma força de cem homens e do governo da praça de Sines, onde prestou muitos e valiosos serviços; sendo sempre apreciado como official distincto e valente.

Não lhe foram garantidos os postos dados por D. Miguel, e p-riante a sua praça conta-se-lhe da data da sua apresentação, 6 de agosto de 1833, sendo promovido a guarda marinha a 18 de fevereiro de 1835 e a segundo tenente affectivo a 21 de agosto, pondo-se-lhe por clausula o acabamento do curso. Frequentava já então o curso de hydrographia, leccionado por Philippe Folque, concluindo o qual encetava a sua nova carreira de engenheiro hydrographo, a 2 de janeiro de 1836, sendo nomeado para a commissão dos trabalhos geodesicos do reino.

Os trabalhos da triangulação do reino, começados em 1799 pelo dr. Clera, de pouco aproveitaram, por se haverem perdido a maior parte dos registos das suas observações. Não podemos entrar nas minudencias acerca da transformação e modificações que soffreu a commissão geodesica, e os diversos logares que n'ella exerceu Caetano Maria Batalha.

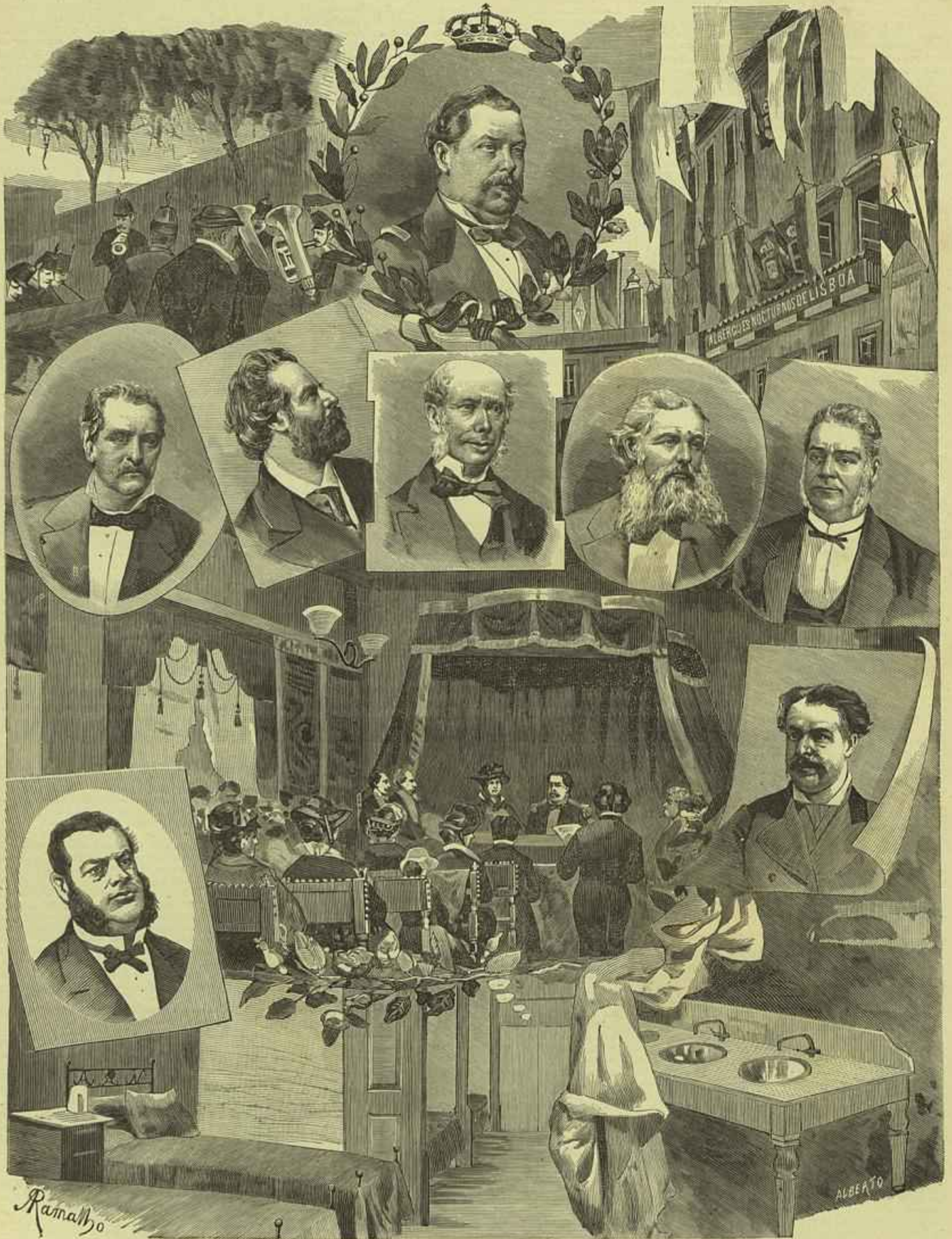
Faremos resenha dos trabalhos mais importantes. Em collaboração com o, hoje contra-almirante, sr. Peceira da Silva mediu de novo a base Batel-Montijo entre a ponta do Montijo e as proximidades de Alcobete, projectando se uma nova triangulação, começaram todas as observações geodesicas dos grandes triangulos de 1.ª ordem. Levantaram a planta do pinhal de Leiria, trabalho de grande perfeição. Encarregado com o mesmo sr. da rectificação do plano hydrographico do porto e terra da Lisboa, fizeram um trabalho que é ainda hoje um modelo de correção e perfeição. Em seguida foi levantar a planta do porto de Peniche, Berleugis e canal entre ellas e cabo Carvoeiro. Depois de ter tornado a occupar-se dos trabalhos da grande geodesia, passou em 1857 a organizar os trabalhos corographicos aos quaes se deu maior desenvolvimento em 1856, dirigindo Batalha uma pleiade de officiaes de infantaria e cavallaria, moços de habilidade e pundonor, cujos trabalhos fazem honra á nação; revertendo todos em honra do chefe que os dirigia com a sua rara modestia e delicadeza, como um verdadeiro amigo.

No entanto desempenhava outras commissoes de serviço, taes as observações astronomicas para a determinação dos azimithos dos pontos da 1.ª ordem como Bussaco, Bussaco e Louzã; o levantamento da planta hydrographica da barra do Douro até á ponte penhal, comprehendendo a linha de costa até Lagoa da Palmeira, que concluiu em principios de 1863; tendo sido antes, em 1860, com o capitão de mar e guerra Andrade Pinto incumbido de elaborar um projecto para a collocação de boias, signaes e pharos na barra de Lisboa, trabalho de que foi relator, e em 1871 presidente de uma commissão encarregada de elaborar um plano geral de obras e melhoramentos na margem direita do Tejo desde a Torre de Belem até ao Beato. A parte mais importante d'este trabalho coube a Batalha.

Foy promovido a 1.º tenente em 7 de maio de 1845, a capitão de tenente em 6 de novembro de 1851, a capitão de fragata em 6 de junho de 1861, a capitão de mar e guerra a 31 de outubro de 1866 e a contra-almirante em 25 de outubro de 1877.

Falleceu a 21 de outubro ultimo, deixando um nome honrado, e a reputação de um official valente, intelligente, instruido, modesto e trabalhador.

Mais por extenso nos deu o nosso collega o sr. Gerardo Pery um esboço biographico do illustre official no *Diario de Portugal* de 20, 22 e 23 de novembro ultimo, do qual extractamos este resumo.



Visconde de Rio Vez
João Alfredo Dias

Dr. Luiz Jardim

S. M. El-Rei D. Luiz I
Francisco A. Mendes Monteiro

José Pereira Soares

Polycarpo José Lopes dos Anjos
Jose da Costa Pedreira

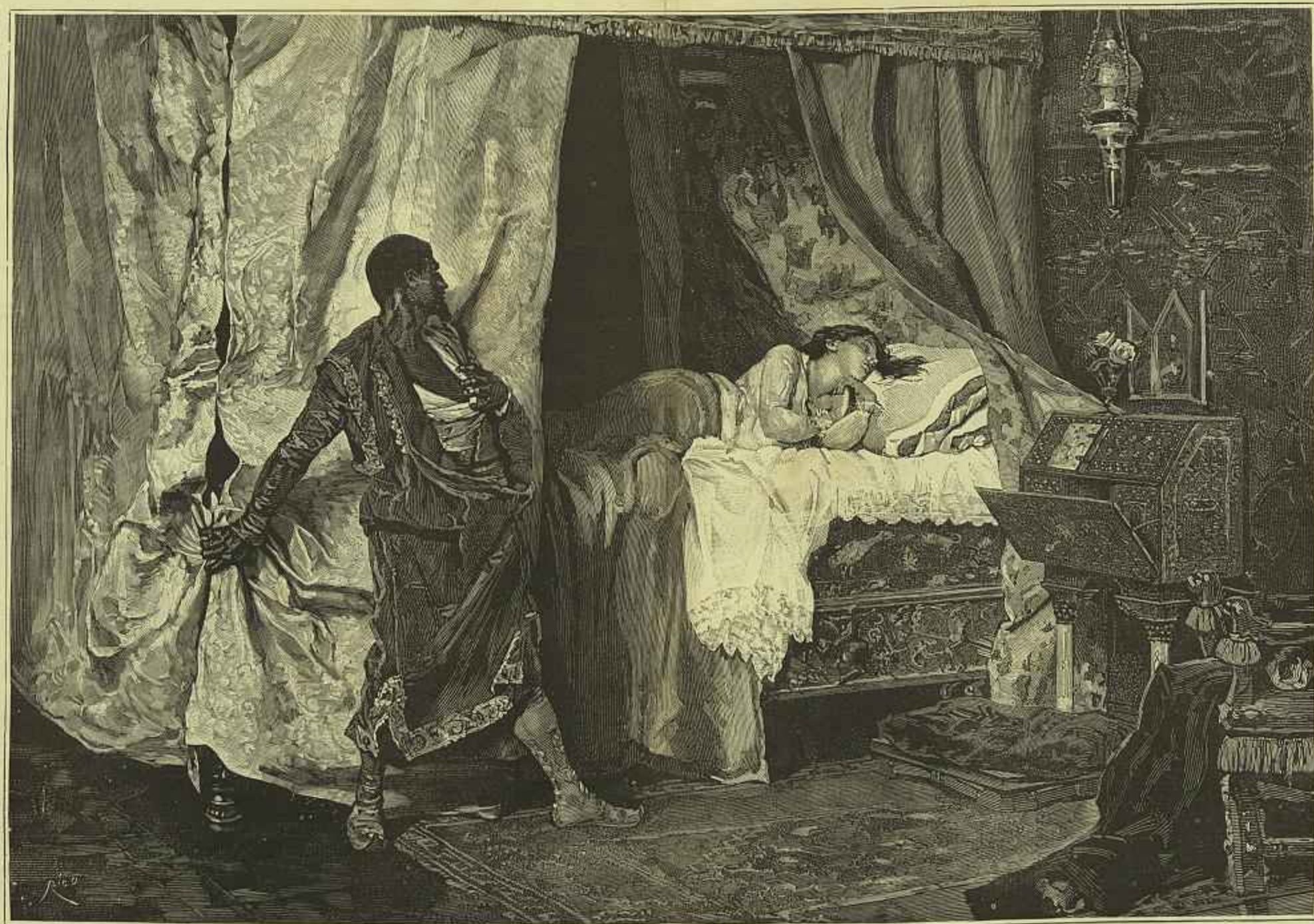
INAUGURAÇÃO DOS ALBERGUES NOCTURNOS — MEMBROS DA DIRECÇÃO

Desenho de Antonio Ramalho

SUPPLEMENTO AO N.º 107 DO OCCIDENTE

11 DE DEZEMBRO DE 1881

BELLAS-ARTES



OTHELLO E DESDEMONA

QUADRO PREMIADO DE MUÑOZ DEGRAIN, OFERECIDO À ACADEMIA REAL DE BELLAS-ARTES DE LISBOA, PELO SR. VISCONDE DE FRANCO

O NOSSO SUPPLEMENTO

OTHELLO E DESDEMONA

Quadro do pintor hespanhol Muñoz Degrain, offerecido á Academia Real de Bellas Artes de Lisboa pelo sr. Visconde Franco.

Quando a imprensa hespanhola soube que um capitalista portuguez havia comprado o celebre quadro de Muñoz Degrain—*Othello e Desdemona*, para offerecer á nossa Academia de Bellas Artes, disse que os capitalistas seus compatriotas, não costumavam ter d'estas generosidades; que em Hespanha os individuos mais abastados compravam as obras de arte, ou para egoisticamente as encerrarem nos seus museus e galerias, ou para as venderem depois por mais elevado preço.

E partindo d'este principio, os periodicos hespanhoes fizeram merecidos elogios ao generoso banqueiro portuguez, que dotara o primeiro estabelecimento de ensino artistico do seu paiz com tão valiosa obra.

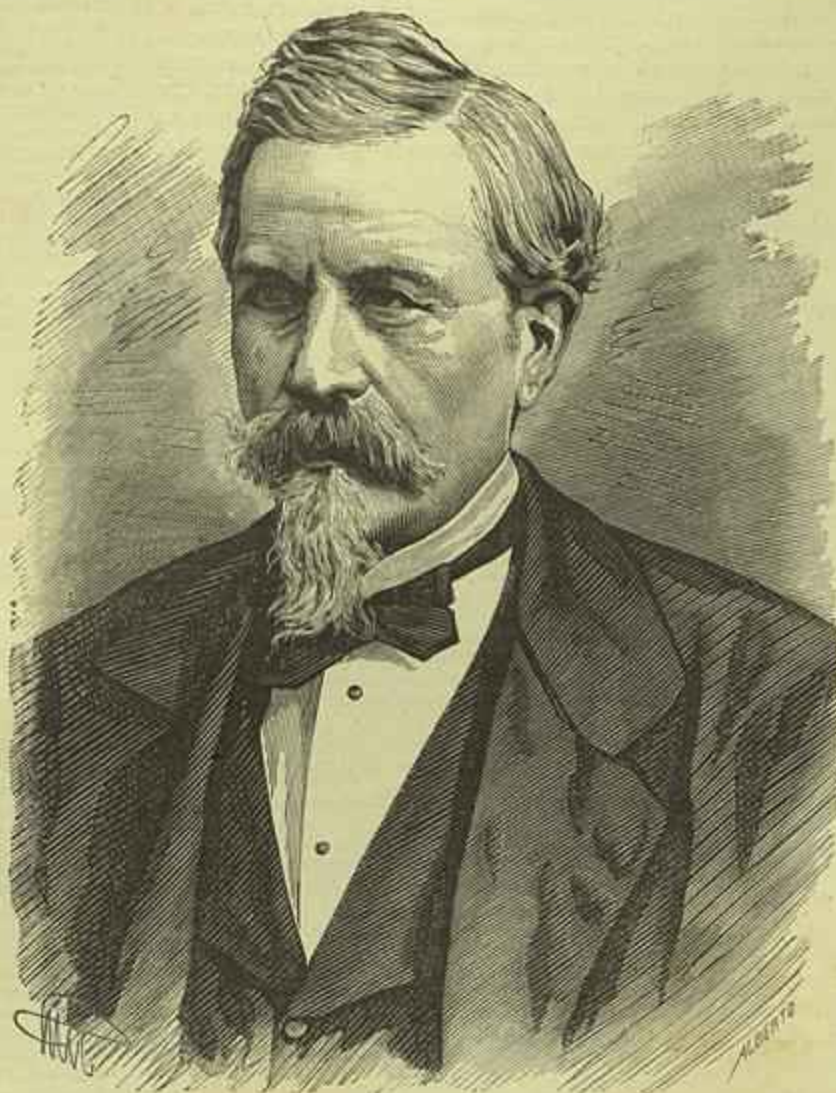
Aquí não se fez grande caso da preciosissima dadiua do sr. visconde de Franco. Não succedeu assim porque estivessemos habituados a presentes d'esta ordem, mas sim porque uns não deram o valor devido á offerta; outros, julgando por si os demais, perguntavam aos que lhe fallavam da liberalidade do sr. visconde — o que quererá elle? porque os ultimos, em summa, seguindo a moda da epoca, de desdenhar dos ricos e poderosos, houveram por melhor tratar com indiferença, ou sepultar no esquecimento, uma acção verdadeiramente bizarra, que, servindo de exemplo aõs que estão

nos casos de imital-a, pode trazer proveitosos resultados ao paiz.

Eu não seguirei as idéas de nenhum dos

hediondo e terrivel como uma fera.

Salvini, o enlevo do publico mais illustrado, caracterizou logo de principio o personagem



O CONTRA-ALMIRANTE CAETANO MARIA BATALHA — Fallecido em 21 de Outubro de 1881
(Segundo uma photographia de Pillon)

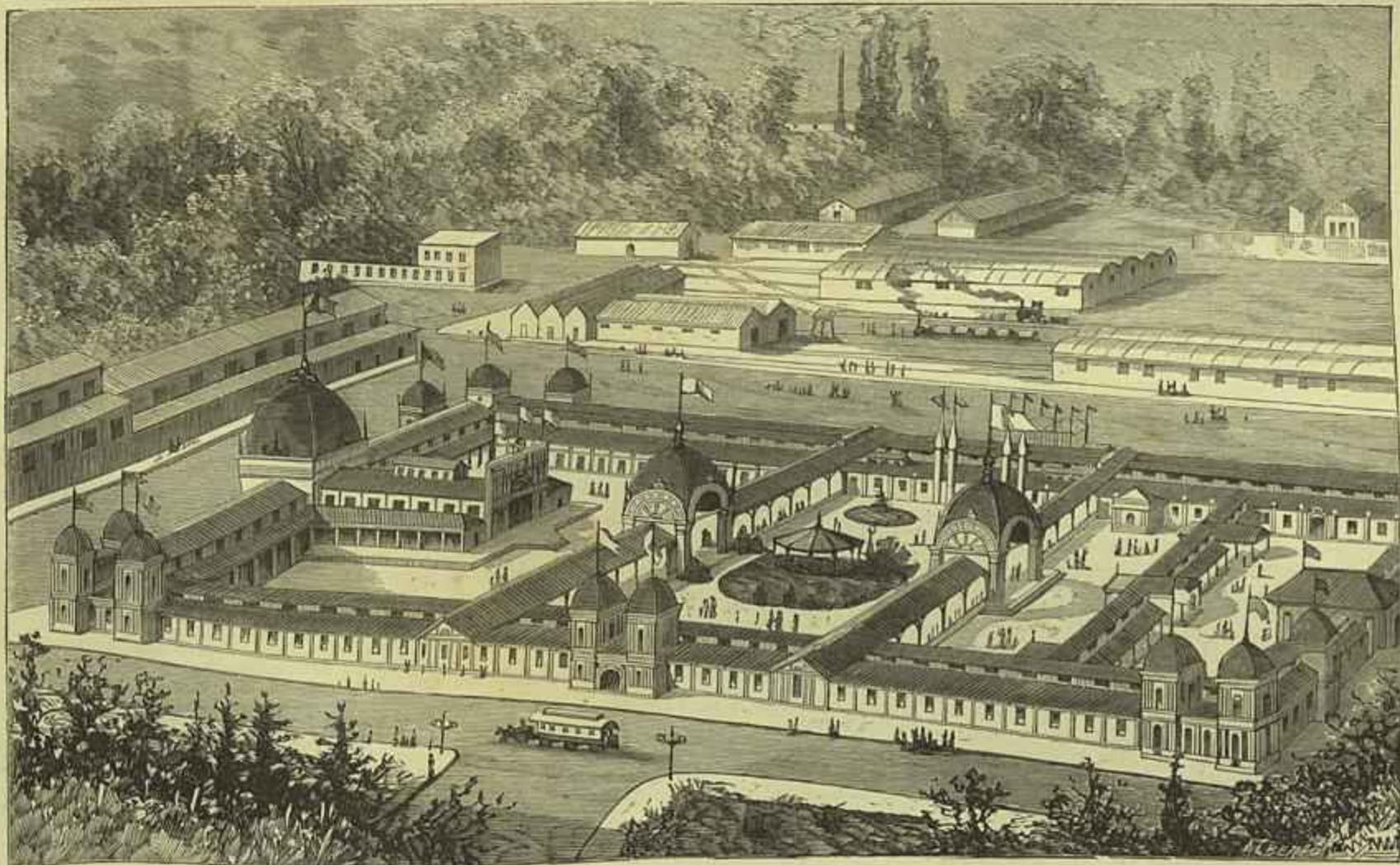
que deixo citados; registrarei o facto, com pena unicamente de não poder apregoal-o tão alto que todo o paiz me ouvisse. O meu fim era angariar imitadores da generosidade do sr. visconde de Franco, pois seria isso não só um bem para as artes portuguezas, senão tambem o maior galardão que o illustrado banqueiro poderia obter da sua acção meritoria.

O talentoso pintor hespanhol o sr. Muñoz Degrain interpretou devidamente, para a composição do seu notavel quadro, a idéa do auctor do *Mouro de Veneza*? Creio que ninguem poderá responder a esta pergunta com a consciencia segura de que diz a verdade.

Todos sabem das duvidas e discordancias que sempre tem havido na interpretação dos personagens shakspeareanos. Ainda ha pouco tempo, um critico americano pretendeu provar que Hamlet fôra uma mulher!

Sem recorrer ao que as summidades litterarias tem escripto acerca de Othello, lembro-me de que ha annos dois artistas notabilissimos do theatro representaram entre nós aquelle formidavel personagem de um modo bem diverso.

Rossi, o actor querido das platéas, fez de Othello um guerreiro a cujo phisico e a cujo moral não eram estranhos nem o cuidado em si proprio, nem a civilisação da republica que servia com a sua espada valente. Amacion-lhe o character e alindou-lhe a phisionomia. Só quando o ciume lhe feria de morte o coração, o tornava



VISTA GERAL DO PALACIO DA EXPOSIÇÃO CONTINENTAL SUL-AMERICANA EM BUENOS-AYRES

com a rudeza do soldado sombrio e inflexível. Os seus cabellos curtos e os traços duros de suas feições davam a perceber que um homem d'aquella tempera não conquistara o amor de Desdemona procurando parecer-lhe bem, ou usando de insossas blandícias.

Ora, affigura-se-me que o sr. Muñoz Degrain seguiu um pouco o parecer de Salvini para a interpretação da figura principal do seu quadro. O Othello do pintor hespanhol é o soldado rude, cuja ferocidade e selvageria as caricias de uma creança loura e encantadora, como Desdemona, nunca poderam de todo suavizar e vencer.

Se andou bem ou se andou mal em o reproduzir por este modo, outros mais competentes do que eu o dirão. Estou, porém, certo de que se este ponto esthetico se discutisse, as opiniões haviam de forçosamente dividir-se, julgando uns que o mouro assim representado é banal e destituido da poesia de que os espiritos mais phantasticos o rodeiam; affirmando outros que, sendo Shakspeare mais realista do que muitos que hoje se inculcam como tal, a interpretação realista do seu athletico personagem não podia ser outra.

Emquanto á execução artistica, parece-me que a critica, podendo notar-lhe defeitos, deve contudo confessar que o quadro em questão é um dos trabalhos mais distinctos que se tem visto modernamente entre nós.

Na ultima exposição de bellas artes que houve em Madrid, figuravam tres paineis de grandes dimensões, que eram os primeiros d'aquelle brilhante certamen.

A *leuda do Rei Mouge*, de D. José Casado; *Numancia*, de D. Alego Vera; e *Othello e Desdemona*, de D. Antonio Muñoz Degrain.

Mede este 2^m,70 de alto por 3^m,64 de largo. A critica hespanhola apreciou muito o vigor tragico da figura de Othello, o colorido brilhante e verdadeiro de todo o quadro, e a perfeição com que são tratados os accessorios.

Entendo que os criticos nossos visinhos andaram bem na sua apreciação. A figura de Othello, com a sua musculação de aço exaggerada, é de uma força verdadeiramente dramatica. Rasgando as carnes do peito com as unhas, fita os olhos chammejantes de ciúme na que vai ser sua victima e está dormindo tranquillamente sem que em sonhos, sequer, lhe atravesse o espirito um pensamento ruim.

A figura do mouro destaca-se do quadro e indica perfeitamente o momento tragico que o artista pretendeu reproduzir.

A tinta é effectivamente brilhante como a dos pintores da escola hespanhola. É o sol claro e ardente da península que dando vida á cor dos objectos, inspira aquelles artistas tornando-os tanto ou mais coloristas do que os Italianos.

Os accessorios são admiravelmente executados, principalmente um contador marchetado que se vê no primeiro plano do quadro, á direita do espectador. Pode-se até dizer, que o grande acabamento d'este e de outros objectos que ornamentam a composição, desdiz um tanto da execução de parte do assumpto principal.

A figura de Desdemona não está, a meu vêr, pintada com a segurança e esmero que a sua importancia, tanto no assumpto como na composição, exigia. As roupas da cama são molles e não parecem feitas pela mesma mão que tão firmemente e com tanta sciencia da arte, concluiu outras partes do quadro. Isto, porém, não offusca por fórma alguma o superior merecimento da obra do sr. Muñoz Degrain, uma das mais valiosas, se não a mais valiosa, que figuram entre os quadros modernos da nossa Academia.

Como foi durante a illustrada gerencia do sr. Delfim Guedes que esta obra que o governo hespanhol pretendeu adquirir, e o jury da exposição premiou, deu entrada em o nosso pequeno museu de bellas artes, como é á liberalidade do sr. visconde de Franco que ella se deve, a ambos cabe a maior honra, por haverem contribuído não só para que os amadores de pintura tenham mais um excellente quadro

em a nossa Academia para lhes deleitar a vista, senão também, e principalmente, para que os estudiosos possuam mais um exemplar onde possam ver os progressos da arte moderna, e estudar a maneira franca e larga por que se pintam as grandes telas.

RANGEL DE LIMA.

AS NOSSAS GRAVURAS

BRAZIL — CATARACTA PAULO AFFONSO NO RIO S. FRANCISCO

Ao nascente da provincia de Pernambuco, n'um valle denominado da Boa Vista, encontra o viajante as cataractas de Paulo Affonso do rio S. Francisco, formadas por enormes penhascos, que interceptando a corrente do rio fazem cair as suas aguas em revoltosas cachoeiras.

É um espectáculo brilhante para o observador, como tantos outros que offerece aquella potente região americana, o aspecto grandioso d'estas cataractas. O seu accesso é difficil e poucos são os viajantes que as vão vêr de perto.

O rio S. Francisco tem um curso approximado de 2,600 milhas inglezas, e as suas cataractas encontram-se a uma distancia de 200 milhas do Oceano.

A altura total d'estas cataractas daría uma elevação de 284 pés. A nossa gravura representa um dos pontos mais notaveis na margem sul do rio, e onde este mais engrossa a sua corrente.

EXPOSIÇÃO CONTINENTAL DE BUENOS AYRES

Não é a primeira vez que a America do Sul manifesta a sua vitalidade, por uma exposição. Contudo, até hoje, esses certamenes tem tido mais o caracter particular que geral. Coube ao *Club Industrial Argentino* a gloria de promover, na capital d'esse prospero Estado, uma exposição continental, como já havia promovido a exposição nacional de 1877.

Parece porém, segundo temos lido em alguns jornaes, que n'esse paiz se levantou alguma opposição a tal projecto e se tratava de desvirtuar tão nobre commettimento, levantando estorvos ao complemento d'essa idéa. Não conhecemos, nem podemos conhecer os individuos e os interesses que se agitam n'aquelle paiz, mas podemos assegurar que, apesar de tudo, a idéa tomou vulto e conseguiu vingar de todos os tropeços.

Um projecto se apresentou em camaras para ser concedida uma subvenção de cincoenta mil pesos fortes para o estabelecimento da exposição, subvenção que o congresso elevou a cem mil pesos ou cerca de noventa contos de réis e mais trinta mil pesos, ou proximoamente vinte e sete contos, para estimular e ajudar a collecção e remessa á exposição de materias primas e artigos de elaboração nacional em toda a republica.

Immediatamente foi concedida a praça *Onze de Setembro* para serem n'ella assentes os estabelecimentos da exposição, e já se julga que ella não será sufficiente para conter todo o que se espera. Concedido isto, foi levantado o respectivo projecto e postas em arrematação as necessarias obras, devendo ficar concluidos os edificios no fim de novembro ultimo.

Por toda a parte os agentes consulares se puzeram em acção e não só de todos os pontos das nações americanas, mas ainda de muitas nações europeias, tem havido a necessaria concupiscencia para dar á exposição a importancia que merece.

O Brazil, como mais visinho, já poz á disposição dos seus expositores a canhoneira *Paranhíba* e votou cem contos de réis francos para que os seus productores e industriaes possam a ella concorrer condignamente; dizendo-se até que alli irá S. M. o Imperador D. Pedro II.

Já se tinham recebido muitas propostas para a illuminação dos edificios da exposição, sendo a commissão de opinião que se devia aceitar a dos srs. Siemens de Londres.

Tratava de se contratar uma companhia franceza para opera lyrica durante o tempo da exposição, e apresentara-se a idéa de escripturar uma companhia de zarzuela hespanhola, para variar e abrilhantar as diversões d'aquella festa da industria.

Já se sabe que um dos maiores industriaes, senão o unico, em vidro, da republica argentina prepara novos artefactos da sua industria para apresentar n'esta exposição. Ha também já uma officina photographica contratada para tirar as differentes vistas da exposição.

A abertura d'este grande certamen do trabalho deve realisar-se a 15 de fevereiro, para o que trabalha activamente o *Club Industrial Argentino* e a Commissão do Congresso encarregada de administrar as sommas votadas.

Para que nada falte ás pompas da abertura d'aquella festa, um grande artista argentino Miguel E. Rojas trabalhava na composição de uma marcha triumphal para ser executada n'aquelle acto.

Este notavel maestro é auctor de uma celebre marcha fúnebre dedicada á memoria do malogrado presidente Adolfo Alsina, a qual será executada, no dia da inauguração do monumento levantado á sua memoria, por todas as bandas da capital.

Assim a industria e as bellas artes se casarão n'aquelle palacio, cuja vastidão a nossa gravura de pag. 277 deixa conhecer, para fazer da exposição continental de Buenos Ayres um successo, que fará epoca nos factos da America do Sul.

O CAPITÃO MARTINS

Assassinado no dia 26 de Novembro de 1881

O OCCIDENTE contou já largamente na sua chronica a lugubre tragedia de que na tarde de 26 de novembro

ultimo foi theatro o quartel d'infanteria 2. Um tenente, José Luiz da Rocha Freitas, assassinou cobardemente, á traição, pelas costas, com dois tiros de revolver o capitão Soares Martins, por uma questão futil, em que o assassino representava um papel vergonhoso, e indigno.

Este triste caso, revestido das circumstancias mais odiosas com que ha muito tempo um crime se apresenta em Portugal, fez profunda sensação na cidade, e levou a todos os labios o nome de Soares Martins. Acompanhando como é do seu dever, os factos salientes da vida de Portugal, o OCCIDENTE, dá hoje o retrato do desgraçado militar.

Augusto Antonio Soares Martins era filho de Gabriel Antonio Martins official de engenheiros e de D. Catharina de Senna Soares.

Nasceu em Lisboa, na freguezia da Encarnação, em 10 de novembro de 1846. Teve um irmão, o padre Claudio Martins, que morreu tambem muito novo.

Augusto Soares Martins foi alumno do collegio militar, e depois de completar esse curso frequentou a escola do exercito onde fez o curso d'infanteria.

Em 18 d'agosto de 1862 sentou praça em infanteria 10 como voluntario; em 14 de junho de 1863 foi promovido alferes graduado, em 29 de novembro de 1864 a alferes effectivo, em 15 de março de 1870 a tenente, e em 25 d'abril de 1876 a capitão. Serviu em infanteria 7 e 5 e ultimamente em infanteria 2 onde era muito estimado pelos seus collegas e superiores e muito querido pelos seus soldados, que no dia do seu assassinato choravam como creanças ao pé do seu cadaver.

É aqui tem a historia d'esse pobre rapaz, morto aos 35 annos pela arma cobarde e traiçoeira d'um seu subordinado.

Soares Martins era um robusto rapaz, alto, gorlo de cara franca, e alegre, valente, delicado, um caracter honrado e leal, que tinha por toda a parte amigos sinceros e dedicados.

Ainda mesmo no caso que originou o crime do tenente Rocha Freitas, Soares Martins mostrou o seu bom coração, e o seu genio cordato e bondoso.

O tenente Freitas espantara um seu impedido por motivos indignissimos. Levado o facto ao conhecimento do coronel commandante do corpo, foi a pedido de Soares Martins que do procedimento irregular acima do tenente Freitas se não deu parte ás instancias superiores, castigando-se apenas com uma almoestação na presença da officialidade.

É a paga que Soares Martins recebeu d'aquelle por quem pedira foi a bala traiçoeira que o matou.

Soares Martins era viuvo, tinha uns contos de réis de seu, e deixou um filho natural, que no seu testamento feito em 19 de maio de 1878, reconhece por legitimo, e a quem legou as duas terças partes dos seus bens.

TENDA-BARRACA ANEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

(Continuado do n.º 196)

III

«Lisboa, cidade de marmore e de granito, rainha do oceano, tu és a mais formosa entre as cidades do mundo.

«A brisa que varre os teus outeiros é pura como o seu azul que se espelha no teu amplo porto, similhante a um grande mar.»

Assim se expressava em 1837 nas inspiradas paginas da *Voz do Propheta* o lyriano de Alexandre Herculano com respeito á nossa capital.

«Jardim da Europa á beira-mar plantado
De louros e de seacias olivaceas

lhe chamou tambem out'ora, em verdejantes tempos da poesia, o auctor do *D. Jayme*, o actual ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e do ultramar.

E entretanto Lisboa, — que á triste condição de assentar sobre um pantano selgadoo reune o desprazer de espreguçar-se á beira do Tejo, cuja orla marginal direita, desde Xabregas até ao canal de Alcantara, não faz senão mimosa-a voluptuosamente com emanções toxicas de toda a casta, que lhe atordam ferozmente o offacto e lhe infeccionam miasmaticas o organismo. — Lisboa de quando em quando, encerra-se de sollemnemente desmentir as picturesque asserções dos poetas, e n'um impeto explosivo arremessa contra o desmatelo dos poderes publicos o seu energico protesto, significativamente symbolizado por qualquer epidemiasita mais ou menos mortifera.

No estio de 1880, os arruamentos da Lapa (e advirta-se que é esse um dos sitios, onde mais favoravel se pronunciam as condições topographicas sob o ponto de vista hygienico), os arruamentos da Lapa entraram a dar que fazer aos clinicos, ministrando-lhes com assustadora teimosia a frequente apparição de umas febres graves, rebeldes, cujo typo remittente, complicado mais ou menos de phenomenos typhosos, mas difficilmente classificavel, terminava ás vezes por um modo fatal.

Comecaram de affluir ao Hospital de S. José enfermos d'aquella localidade, affectados por tão extranho morbo. E, em falta de uma rigorosa classificação nosologica, o publico ficou designando aquelle periodo doente pela denominação de *epidemia da Lapa*.

Instantaneamente impressionada pelo facto, a Junta Consultiva da Saude Publica tratou de acudir sollicita e pressurosa reclamando do governo providencias com que se viesse á manifestação de consequencias mais funestas, e propondo — que sem demora se procedesse á construcção de enfermarias segundo o systema de *Tendas-barracas*, as quaes poderiam ser levantadas, á proporção das necessidades do serviço, nos terrenos pertencentes ao Hospital-Estephania e afastadas d'elle o mais possível.

E outrosim recommendava a Junta — a conveniencia de encarregar um dos facultativos do Hospital de presidir á construcção das referidas barracas, affim de n'ella

serem atendidos os preceitos hygienicos indispensaveis e as necessidades especiaes do respectivo servico.

Accedou o governo uma vez do seu legitimo lachargo; e n'este sentido deixou do Ministerio do Reino um officio em 5 de agosto, dirigido á Administracao do Hospital de S. José.

Esta em officio do dia seguinte commetter ao cirurgião extraordinario do sobredito hospital, João Ferraz de Macedo, o delicado encargo de superintender no cumprimento d'aquellas determinações governamentais.

Estava finalmente levantado o tropeço. Estava desmanchado o encaixo. Que nem outra coisa realmente parecia, senão obra de enguigo e bruxedo, a inexplicavel rebeldia que por tanto tempo durára nas altas regiões officiaes, com respeito a escutar-se os sensatos conselhos da ciencia?

Ferraz de Macedo achava-se finalmente escolhido pela Administracao do Hospital como de todos o mais competente e proficiente para dirigir aquelles trabalhos, a favor dos quaes tanto havia pugnado o seu constantissimo esforço com a perseverante diligencia e o nobre civismo de quem julga um dever sagrado pagar a sociedade o tributo da sua proveitosa cooperacao.

Nam paiz excessivo de recursos, como é desgraçadamente este nosso, e onde os artifices por via de regra alliam com a mais grossa-ira ignorancia, a mais desmedida presumpção, — pode asseverar-se que foi deveras um milagre o que Ferraz de Macedo praticou.

Por feliz acaso deparou-se-lhe um intelligente interprete e um consciencioso executor do seus planos na pessoa do architecto José Maria Nepomuceno, — bibliophilo sobremaneira estudioso e apaixonadissimo por assumptos de archeologia.

Ferraz de Macedo, — conglobando e associando quanto havia lido sobre tendas-barracas, — fecundando, rectificando, corrigindo, aperfeicoando, com o fino criterio da sua razão clara e com as innovações suggeridas pelo feliz palpito da sua propria inspiração, quanto lá fora se inculcava por mais conveniente; — planeava, ideava, riscava, dispunha.

Andava doido com a alegria de vêr algum aproveitados os proficuos conselhos do seu aturada estudo.

José Maria Nepomuceno compunetra-se do que lhe dizia o medico, por vezes adivinhava-lhe mesmo as intenções; assimilava-lhe as idéas, traduzia-lhe os planos em obreia, executava, realizava, construía.

Em 6 de novembro achava-se prompta a Tenda-barraca annexa ao Hospital-Esophania.

Ha mais de um anno, por consequente, que Lisboa possui este importantissimo recurso hospitalar.

A Administracao do Hospital de S. José não teve entretanto ainda uma palavra de louvor nem de agradecimento com que officalmente testemunhasse o seu reconhecimento pelo zelo que Ferraz de Macedo demonstrou, — furtando quotidianamente, durante tres mezes, horas e horas nos proventos da sua clientela, para se consumar no desempenho d'aquella missão!

Em compensação recebeu Ferraz de Macedo encarecidos encomios do professor Virchow, quando aqui veio por membro do congresso anthropologico em 1880.

Ora... verdade, verdade... os elogios de Virchow, que deslambriantemente occupa o primeiro lugar entre as similadas da medicina contemporanea, valem com certeza

alguma coisa mais do que um officio chato, assignado por qualquer enfermeiro-mór ou por quem na ausencia o substitua, e redigido pelo menos alfabetado dos seus amanhecos.

Deixemo-nos, porem, de considerações superfluas, porque tempo é já de contrariar na descripção da tenda-barraca representada a pag. 261 do actual volume do OCCIDENTE.

(Continua)

XAVIER DA CUNHA.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO XVIII

Ahi temos a Primavera, grupo em marmore do famoso Baccaglia, que já se chamou Aurora da vida. A figura principal eleva-se alongando os braços e abrindo a bocca como em acto de despertar, em quanto outra belleza graciosa, sentada, parece não dar ainda pela renovação que começa a operar-se. Uma linda creança parece despertar então para a vida, apoiada na duas jovens e formando quasi como um traço de união entre ellas. E gracioso e bello o sentimento e delicada a expressão do grupo.

As Colozas, grupo do já mencionado Gallori, é delicioso. A filha da cidade, fina, elegante, em trage de amazona, foi ver a sua ama, e encontrou a sua irmã de leite, metten-lhe o braço, e enquanto o contraste não seja perfeito, nem talvez fosse essa a idéa do artista, porque a dama não é esfeza e rachitica, mas regularmente desenvolvida, como convinha a quem fora creuada com leite que produzia uma mulher tão robusta, forma porém divorsão pelo trage e expressão, e pelo modo com que a alibeca de formas robustecidas pelo trabalho, onve sorrindo, o que lhe diz a sua colozia. A expressão é singula, e o modo de tratar o assumpto muito consciencioso.

Orphãos de mãe, de Raimundo Sereda, de Milão, é um assumpto bem visto e bem sentido. Aquella repariga quer ter dez ou doze annos, ainda mal vestida, com o irmãozinho de um anno ou dois no regaço; n'ama mão a caneca com leite, na outra a colher, assepra a colherada que ha de dar ao pequenito, que impaciente não espera e quer deitar a mão no que a irmãzinha lhe vai dar. Inspira sentimentos encontrados de tristeza e satisfação este pequeno e bem imaginado grupo.

A mãe, magnifico grupo do esculptor florentino Adriano Cecioni, é um dos mais decididos modelos da escola realista. Não ha convenções n'este grupo. Não é a dama nobre, vestida de seda, toda enfeitada, que por desfastio assentada no seu sofa, em posição artistica, recebe as caricias do filho que lhe apresenta a ama de touca e avental branco, é a mulher plebeia, bella, mas apenas vestida de camiza que lhe cubre peios hombros, o cabelo atado n'um nó, os pés mettidos em desgraçosos chinellos, que pegando no filho que a pretende agarrar e beijar, lhe furta a cara em brinquedo alegre. Nada mais bello, mais singello, mais verdadeiro. O povo tambem tem os seus prazeres e estes são os mais perfeitos, e o artista teve um alto senso copiando-o do vivo, porque só assim se produz obra de similante cunho.

O primeiro e mais importante impulso dado á unida-de italiana veio de Napoleão III: o fogo estava latente

é verdade, mas foi elle quem levantou as cinzas que o cobriam. Sem elle, sem a sua resolução de auxiliar o Piemonte contra a Austria, nem talvez aquelle se tivesse lançado na lucta, ou no caso de a ter encetado, ninguém sabe que resultado colheria. Napoleão entra na Italia com o seu exercito e com este apoio os Italianos sacodem os pequenos principes da Toscana, Parma etc., reduzem os estados do Papa quasi que apenas á sua capital Roma; em breve o reino de Napolés entrará na communhão italiana. Dentre em pouco apenas deixarão de fazer parte do grande estado de Italia, o Veneto e o pequeno territorio deixado ao papa. Os Italianos ardentes não gostaram da suspensão da guerra, mas os mais sizados nunca delzaram de reconhecer o sertigo que aquelle imperador, para quem ainda não chegou o juizo imparcial da posteridade, fizera ao seu paiz. O grande artista Barzaghi talhou a sua estatura monumental que era uma das obras mais importantes de esculptura da exposição, e á qual todos fazem devida justiça.

Haveria mais a mencionar, mas falta-nos o espaço e o pouco que dissimos da idéa da riqueza da exposição n'este ramo.

(Continua)

B.

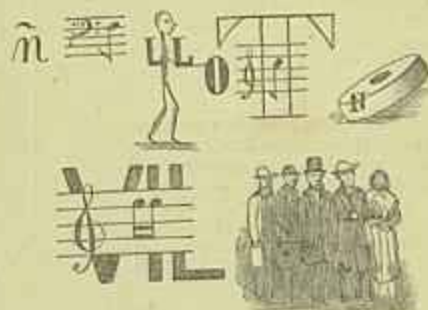
PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

MANUAL DE AGRICULTURA ELEMENTAR E PRÁTICA, por Paulo de Moraes, edição da Livraria de M.^{tes} Marie François Lallouant, Rua do Theatro Velho 22 — Lisboa.

Com este notavel livro acaba de enriquecer-se a bibliotheca de todo o agricultor portuguez que tem a peito a

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Prata é o bem fallar, ouro é o bem callar.

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 106)

VI

Decorreram mezes, pouco mais de seis; durante esse curto espaço de tempo, Antonio Dourado achou-se absoluto senhor do terreno, n'essa lucta de interesses egoistas e de pequeninas paixões ambiciosas.

Todavia, não lhe fóra barata nem facil a victoria.

Não lhe fóra barata, porque, os adiantamentos para a demanda de D. Monica, subiam já á somma de seiscentos mil reis, e a cura da cabeça da mulher, trouxera taes complicações que para a ciencia as resolver tivera o mercieiro de alargar excepcionalmente os cordões á bolsa.

Em boa verdade elle nunca se persuadiu de que a cabeça da sua mulher viesse a valer tanto.

Ja já em mais de quarenta libras a conta do pharmaceutico e a conta do medico, e, ao cabo de tanta lida, de tantas tizanas, elixires e conferencias, a cura ficara sendo um pouco problematica. Antonio Dourado era de opinião que sua mulher não regulava bem de beça e que ficara depois do curativo com algum juizo de menos e algumas costuras de mais na cachola, onde nem o cabelo se atrevera a nascer, isto é, ficara defeituosa por dentro e por fóra.

O homem dava como se costuma dizer: o diabo á caridade, e já não agourava bem do final do negocio da D. Monica tendo tido um começo tão desastroso para a familia.

Elle a fallar a verdade, se bem soubesse em que se havia mettido, tinha antes comprado

uma corda para se enforcar, mas, como quem não sabe, é como quem não vê, o pobre do Antonio Dourado andava em tudo aquillo ás cegas, como Pilatos no Credo, cuidando que d'esse modo levaria mais facilmente a agua no seu moinho, e chegaria a braza á sua sardinha.

E' verdade que já não andava muito macio, no tocante á embrulhada demanda de D. Monica.

Era na realidade de mais.

— Porque demonio se não compõe a senhora, dizia-lhe, e acaba por uma vez com essa chicana que serve só para dar de comer á justiça?

D. Monica respondia:

— E' um capricho.

Todo elle se ralava, fazia-se de fel e vinagre, mas por não dar o braço a torcer, calava-se.

Tantas vezes, porem, foi o cantaro á fonte até que lá ficou.

Antonio Dourado todo cheio de razão, assooprando como quem deita os hofes pela bocca fóra, disse, negando-se abertamente a satisfazer a D. Monica certa exigencia de pecunia.

— Pois minha senhora, quem não tem dinheiro não tem caprichos, ou por outra quem não tem pé não dá coffee.

D. Monica foi aos ares.

— Ora essa! nunca tal ouvi em vida minha: coices dá vossemecê, veja lá como falla.

Antonio Dourado atirando com as pernas e os braços brutalmente, respondeu de um modo sacudido.

— Ora, sabe que mais minha senhora, coices damos todos nós quando nos levantam a razão... Creio que me faço perecher...

E atirou para o sobrado um escarro nojento.

D. Monica levantou-se da sua poltrona enraivecida e colérica.

— Ó Joanna? exclamou ella chamando a creada, traga o esfregão e venha cá depressa.

Depois voltou-se para Antonio Dourado que estava de mãos nos bolsos e ar pimpão de tambor-mór em dia de formatura:

— Bem se vê que é mercieiro... ora para a outra vez quando escarrar veja lá para aonde bota o cuspo, que isto é fazer pouco da minha casa.

Antonio Dourado enfiou.

Na verdade havia commettido uma grande indiscrepção.

— Eu... eu... não faço pouco da sua casa... peço perdão... peço...

E como querendo remedear o mal feito, tirou da algibeira o seu lenço e fez menção de ir elle proprio fazer a limpeza que estava reservada ao esfregão da Joanna.

D. Monica oppoz-se.

— Deixe, deixe. A Joanna já ahí vem.

De facto entrou a Joanna e Antonio Dourado saiu de beijo caído.

Meia hora depois mandava a D. Monica um embrulhinho com a quantia que ella exigira, e muitas desculpas que patenteavam bem o grau do seu arrependimento.

Ha mulheres que fazem escarrar sangue aos homens, mas aquella fazia-lhe escarrar dinheiro.

Diz-se, que ninguém deve cuspir para o ar. Pois não é assim. Em vista do que succedeu ao pobre do homem, para o sobrado é que se não pôde cuspir.

Cara lição.

Foram só mais dez libras para a corda do sino. Que tal?!

Quando elle considerava n'isto, dava como se costuma a dizer, com a cabeça pelas paredes.

(Continua)

LEITE BASTOS.

sciencia a que se dedica. É um livro cuja publicação faz epocha no nosso paiz, pela sua grande importancia, pelos proveitosos conhecimentos que transmittie á classe agricul-tora, e pelo seu valor material.

Não repetiremos louvores e encomios ao seu auctor, por-que de sobejo são conhecidos, o talento e a vasta sciencia de que dispõe em materia de agricultura, e em muitas outras, existindo provas da sua vasta erudição, que por si bastam a recomendar uma obra firmada pelo seu nome.

O illustre auctor procurou reunir n'este trabalho, todos os processos da agricultura moderna, adaptando-os ao clima e usos portuguezes; e tendo amplo conhecimento de todos os progressos em que a sciencia caminha a largos passos nos paizes estrangeiros, descreve-os com tal precisão e clareza, não deixando contudo de ter um estylo apurimado, que o seu livro merece o apreço não só dos que se interessam pela agricultura, mas mesmo d'aquelles mais alheios a esta sciencia.

Emfim, o *Manual de Agricultura* é o livro mais completo que no seu genero ha em lingua portugueza, e os nossos agricultores tem ali um guia claro e seguro, um verdadeiro manual d'onde podem tirar vantagens incalculaveis. É um grosso volume de mais de 850 paginas, illustrado com uma numerosa serie de gravuras, representando machinas, instrumentos agricolas empregados na lavoura, plantas, animaes domésticos, etc.

Para melhor se ajusar da belleza das gravuras que adornam este livro, publicamos uma como specimen, cujo desenho é do grande pintor animalista Annun-ção.

A parte material do volume está á altura do seu merecimento litterario, e á livraria editora cabe um quinhão dos elogios que hade forçosamente obter aquelle trabalho, que, para a moderna agricul-tura portugueza, pode chamar-se um li-vro monumental.

NOTES SUR L'ARCHEOLOGIE PREHISTORI-QUE EN PORTUGAL, par Emile de Car-tailhac, d'après les travaux de M. M. Pereira da Costa, Ribeiro, Delgado, Estacio da Veiga, Sarmiento, G. Pereira, etc. . . . Paris, typographie A. Hennuyer, rue Darcey, 7 — 1881. — 8.º de 28 pag.

— Este pequeno folheto, extrahido dos Boletins da Sociedade de anthropologia de Paris, encerra a communicacão feita pelo illustre archeologo francez, director dos *Materiaux pour l'histoire primitive de l'homme*, aquella sociedade, na sua sessão de 21 de abril de 1881. De todos são conhecidos os trabalhos d'este infatigavel operario do progresso da sciencia, e como elle foi, para assim dizer, a alma do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, realisado em Lisboa em setembro de 1880, publicando poucos mezes depois o *Relatorio* d'essa notavel reunião, que tanta importancia scientifica teve. As notas presentes são como que um resumo d'esse relatorio, dando mais noticia dos anteriores ou posteriores, de que o illustro archeologo teve conhecimento, quer pelas publicações impressas, quer por communicacões particulares. Folgamos de mais uma vez, vér fazer justiça aos nossos homons de sciencia, a cuja importancia parece dar-se só valor no paiz, quando um sello estrangeiro assigna os seus preciosos trabalhos, e folgaremos tambem que estas justas, mas vantajo-sas apreciações estrangeiras, os incitem a proseguir nas suas indagações tão impor-tantes, como necessa-rias. Já em varios lugares do artigo—*Congresso anthropologi-co e litterario*, desde pag. 167 do nosso 3.º volume até pag. 207 do presente, tivemos occasião de citarmos as opiniões do sr. Cartailhac sobre este assumpto, e ahí notamos aquillo em que concordavamos ou discordavamos d'ella, sendo por isso escusa-do repetir o aqui.

Discurso proferido pelo visconde de San-ches de Baena, vice-presidente da Real Sociedade Central de Agricultura Portu-gueza, no dia 10 de outubro de 1879, por occasião da abertura do Congresso pomolo-gico na cidade do Porto. . . Lisboa, typo-

graphia editora de Mattos Moreira & C.ª, praça de D. Pedro, 1881. N'este discurso o sr. Visconde fazendo a apreciação da importancia das exposições, nomeadamente agricolas, refe-re-se, ainda que ligeiramente, a estas especies de feiras do trabalho inauguradas entre nós pelo genio previdente do Marquez de Pombal, renovadas passados mais de trinta annos por D. frei Caetano Brandão em Braga, e passado perto de meio seculo em Lisboa em 1840 e 1844.

relação ás conclusões da monographia da *Casa dos Bicos* mencionada no titulo. O sr. Visconde servindo-se dos docu-mentos que encontrou no nosso riquissimo archivo na cional da Torre do Tombo, ponde resolver essas duvidas, mostrando que a descendencia directa de Affonso de Albuquerque, como a de quasi todos os nossos grandes homons das primeiras conquistas e descobrimentos, está extinta, havendo d'elle apenas representantes. Publica o sr. Visconde alguns documentos interes-santes relativos á familia do grande ho-mem, ou a pessoas que com ella pare-cem relacionar-se, sendo de certo o mais interessante a Carta de legitimação de Braz de Albuquerque, filho de Affonso de Albuquerque e de Joanna Vicente a 26 de fevereiro de 1506, ao qual D. Ma-nuel, em commemoracão e honra dos ser-viços de seu pae mandou como todos sabem mudar o nome para Affonso de Albuquerque. Não nos parece porém feliz o sr. Visconde, quando apoiado n'um obscuro genealogico quer transformar Joanna Vicente, que pôde ser africana, sem ser preta, nem moura, nem judia, em Paula Vicente, a filha do nosso ce-lebre poeta comico Gil Vicente; julga-mos difficil oppor o dito de um genealo-gico muito posterior ao successo, a um documento official de primeira cathogoria e que necessariamente devia ser passado á vista de outros documentos compro-vativos. Haveria muitas mais considera-ções a fazer sobre este assumpto, mas tudo seria prematuro, antes da publica-ção de uma reseña documentada da fa-milia Gil Vicente que o auctor promette, n'uma nota a pag. 34, e que ficamos aguardando com a mais viva anciedade.

REVISTA D'ETHNOLOGIA E DE GLOTTO-LOGIA — estudos e notas por Adolpho Coelho, professor de sciencia de lingua-gem no curso superior de letras, fasci-culo IV—Lisboa, typographia Universal, rua dos Calafates, 110—1881. Já quando fallamos dos primeiros tres fasciculos d'esta publicacão tivemos occasião de accentuar, bem que rapidamente, a im-portancia d'estos estudos, cujo auxilio tão momentoso é para a historia, e cuja conveniencia cresce de vulgo, quando reparamos que pelo estado actual da trans-formação da sociedade, se se não proce-desse desde já a colligir e recolher as nossas tradições, brevemente seria esse trabalho impossivel. Cabe a gloria de ter chamado a attenção nacional para o rico velo das nossas tradições ao grande poeta Almeida Garrett, não'a que sob outro ponto de vista; depois Estacio da Veiga, Theophilo Braga, Adolpho Coelho e Con-sigliere Pedroso tem concorrido, ou vae concorrendo cada um com a sua vallosa coadjuvação para formar o inventario da nossa riqueza ethnographica. Ainda ha pouco tempo um auctorizado critico hespanhol notava o atrazo em que a sua nação estava n'este ramo com relação a nós, fazendo justa menção d'aquelles homons, a proposito da tentativa do sr. Machado para fundar na nação visinlia uma associação de *Folk-lore*. Neste fasciculo da *Revista* acham-se colligidos ja muitos elementos relativos aos san-tos, (promessas, offerendas, coacção) ao diabo, com os seus variados nomes e lendas relativas a construcções por elle feitas e outras; ás serceias, ás fadas, oha-

rapos, papão, trasgos, fradinho da mão fu-rada, gigantes, anões, mouras e thesouros encantados, almas penadas, lobishomons, encantamentos, hen-zedores, pessoas de virtude, vélores, bruxas, feiticieiros, etc., aproveitando não só a tradição oral, mas os vestigios que nos legaram os historiadores e outros escripto-res, as preciosas cons-tituções dos bispados, e até instrumentos e autos publicos, docu-mentos tanto mais im-portantes, quanto mos-tram a extensão que essas crenças tomaram em todas as classes da sociedade. Estes es-tudos tem merecido e atraído a attenção do mundo scientifico, e devem merecer o favor e auxilio do publico.

Reservados to-dos os direitos de propriedade litte-raria e artistica.

1881

Lallemant Frères, Typ.

6, Rua de Theouze Velho, 6

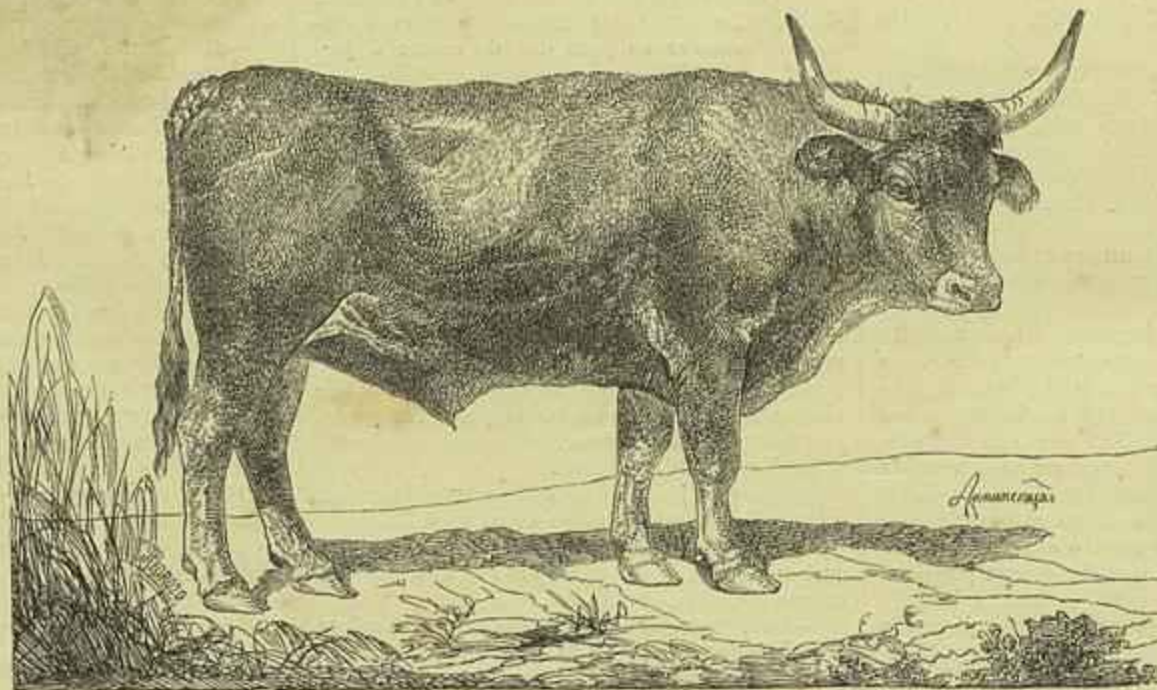


O CAPITÃO AUGUSTO ANTONIO SOARES MARTINS — Assassinado a 26 de Novembro de 1881

(Segundo uma photographia)

RESUMO HISTORICO E GENEALOGICO DO GRANDE AFFONSO DE ALBUQUERQUE, para servir de complemento á mono-graphia publicada em 1860 no *Archivo Pittoresco* sobre a *Casa dos Bicos*, pelo Visconde de Sanches de Baena. — Lisboa, Typographia editora de Mattos Moreira & C.ª, 67, Praça de D. Pedro, 1881. — 8.º de 49 paginas. — Como se deprehende das palavras dirigidas — ao leitor — na folha immediata ao rosto d'este opusculo, foi a sua publicacão determinada por algumas duvidas qua ao sr. Visconde dirigiu particularmente um estudioso com

da nossa riqueza ethnographica. Ainda ha pouco tempo um auctorizado critico hespanhol notava o atrazo em que a sua nação estava n'este ramo com relação a nós, fazendo justa menção d'aquelles homons, a proposito da tentativa do sr. Machado para fundar na nação visinlia uma associação de *Folk-lore*. Neste fasciculo da *Revista* acham-se colligidos ja muitos elementos relativos aos san-tos, (promessas, offerendas, coacção) ao diabo, com os seus variados nomes e lendas relativas a construcções por elle feitas e outras; ás serceias, ás fadas, oha-



BOI DE RAÇA AROUQUEZA (S. PEDRO DO SUL)

Gravura extrahida do *Manual de Agricultura Elementar e Pratica*, por Paulo de Moraes — edição da Livraria de M.ª Marie François Lallemant